

“Quem vai levar a bandeira?” Cultura Popular e Devoção ao Divino Espírito Santo em Diamantino-MT¹

Felipe de Albuquerque AUGUSTO²
Paulo da Rocha DIAS³
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO: A pergunta que deu origem a este livro-reportagem contém, em seu próprio questionamento, o apontamento que pretende investigar: a condição do grupo responsável pelo giro da bandeira do Divino Espírito Santo em Diamantino-MT que, em seu tradicional rito de mais de 190 anos, percebe-se atualmente frágil frente à morte de seu principal líder. Para além de possibilitar o debate entre cultura popular, devoção, agentes culturais, política e religião, elementos que permeiam a reportagem desde o seu projeto, o livro revela movimentos internos, acrescentando novos e, até então, invisíveis elementos à incógnita que ainda existe: quem vai levar a bandeira?

PALAVRA-CHAVE: cultura popular; Divino Espírito Santo; livro-reportagem.

INTRODUÇÃO

Esta reportagem foi desenvolvida no sentido de buscar, na festa do Divino Espírito Santo em Diamantino-MT, um diálogo entre a cultura popular, a religiosidade, a fé, os festejos, os ritos e as performances, confrontados pelo contexto contemporâneo de fenômenos que influem, diretamente, nas sociabilidades e modos de se pensar a vida em comunidade, tais quais as inovações tecnológicas impulsionadas pela popularização da internet. A escolha pelo recorte geográfico se deu pelo conhecimento prévio de uma tensão envolvendo o esvaecimento do grupo responsável pelo giro da bandeira, com a morte de seu principal líder. O cenário se torna ainda mais conflitante quando se pensa o município demarcado à margem dos grandes polos de desenvolvimento nacional: os discursos sempre reforçando o amor pelo passado em contraponto ao ensejo pela modernização.

Localizada no interior de Mato Grosso, Diamantino possui uma população estimada em 20.822 habitantes⁴ e a economia eminentemente agrária influi na vida da grande parte da gente que se situa nos limites urbano e rural. A cidade apresenta duas faces distintas, portanto, mas que se entrecruzam e são elementos fundamentais para se pensar o tradicional

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

² Jornalista, graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: dealbuquerquefelipe@gmail.com.

³ Orientador do trabalho, professor Doutor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso, email: diaspd@terra.com.br.

⁴ População estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo de 2010. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/610U>; acessado em: 06/08/14

e o contemporâneo, as relações entre o estabelecido e o novo, um dualismo que orienta constantemente as reflexões desta pesquisa e, posteriormente, do livro-reportagem resultante.

Pensada como um fato social total (Mauss, 1979), a festa do Divino incorpora símbolos diacríticos, através dos quais os membros da comunidade se identificam e, ao mesmo tempo, demarcam suas distinções enquanto sujeitos. No contexto do rito e da devoção, as dádivas surgem como elementos de troca das homenagens prestadas à figura do Espírito Santo. Além da “hierarquia” que advém dos céus à terra, os fiéis trocam experiências, estabelecem redes de sociabilidades, incitam ou dissolvem conflitos e acionam as formas de parentesco e vizinhança horizontais⁵.

Assim, o trabalho foi dividido em três partes. O primeiro procura construir um marco temporal, qual seja, a festa do Divino nos primórdios de sua prática em Diamantino. Debruçamo-nos em reportagens de jornais da época, documentos históricos e retratos extraídos de diários de viajantes que percorreram a região. Além disto, descrevo o cenário pelo qual a bandeira caminha durante a sua esmola. Avançamos pelo cenário em que a bandeira do Divino Espírito Santo circunscreve seu espaço: as ruas, as casas, as trocas materiais/monetárias e a população de Diamantino como protagonistas de uma história repleta de percursos, caminhos e fluxos: o contexto social e econômico como fator de permanência e de saída.

O segundo capítulo sintetiza o espírito da reportagem, efetivado pelos depoimentos orgânicos das personagens que dão vida e sentido à passagem da bandeira; dão mobilidade, de fato, à cultura secular pelas ruas e meios rurais da região. Trazemos à tona as fricções temporais entre o “ontem e hoje”, sob a perspectiva destes agentes sociais. Além disso, situamos a bandeira do Divino no cenário apresentado no capítulo primeiro, partindo, tanto da perspectiva de quem vê o folião nas ruas, quanto do olhar de quem participa do grupo. A cidade vista e revista sob o olhar do Espírito Santo; mergulhamos, também, na perspectiva de dentro do grupo. O que significa para os membros do folião, composto de homens e mulheres, estar nas ruas? Construimos os trajetos da bandeira através das memórias narradas por quem *experienciou* ao longo de toda a vida esta prática cultural e religiosa do festejar o Divino.

O terceiro capítulo discute as intervenções de quem pode “salvar o Divino”, trazendo alguns questionamentos quanto às classificações de patrimônio cultural; além

⁵ Termo que remete às disposições das casas, construídas no mesmo nível da rua, lado a lado.

disso, se não encerra a questão, procura transbordá-la de significados e possibilidades sobre quem, neste futuro incerto, poderá levar a bandeira. Averiguamos os papéis desempenhados por fortes Instituições sociais, dentre as quais a Igreja e o Estado, que ao longo da história, permaneceram distanciadas desse traço popular e religioso, mas que, de alguma forma, sempre estiveram conectados por uma atuação direta ou indireta. Apuramos as narrativas procurando entender os vetores que se contrapõem e anulam a força desta prática cultural que atravessa séculos de história, mas que foi interrompida recentemente com a morte do coordenador do grupo, num hiato de duração incerta.

OBJETIVO

No prefácio do livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex (2013), a jornalista Eliane Brum escreve que o repórter “luta contra o esquecimento” e “faz memória”. Quando decidi pelo livro-reportagem, optei invariavelmente por não esquecer as narrativas, as vivências, os percursos e as subjetividades de um povo com uma devoção por mim inalcançada e, até então, incompreendida. O objetivo primeiro era fazer memória, resgatando parte da história dos diamantinenses e registrando as práticas sociais do presente.

Com o avançar da pesquisa, o campo de visão se ampliou. Assim, através deste livro-reportagem, pude observar, também, a dinamicidade dos processos culturais, inseridos na contemporaneidade de uma experiência religiosa, que apresenta novos conflitos, seja pela pouca atração de jovens para o grupo do Divino, seja pela inserção de inúmeras tecnologias que possibilitam outras vivências (mediadas) ou, ainda, por conflitos internos de caráter monetário e identitário, que corroboraram para a dispersão do grupo.

JUSTIFICATIVA

A sociedade contemporânea, inserida no contexto de discussões globais, tem sido bombardeada com uma série de questionamentos que abarcam diversos segmentos da nossa vida em sociedade. A cultura, como mecanismo de representação social, tende a estabelecer elos de diálogos entre esses segmentos e, também, entre os membros que compõe a sociedade.

Os estudos teóricos recentes que se debruçam sobre as discussões tais reflexões, confirmam o potencial dessas manifestações religiosas ou fenômenos como mecanismos de trocas de conhecimentos, de informações; comunicação. Ao lado de sociólogos, antropólogos, que, pelo menos desde a primeira metade do século XIX refletem sobre essas

trocas, compete a comunicólogos, também, participar dos debates que envolvem primordialmente as relações comunicacionais.

Entendendo as manifestações religiosas do Divino Espírito Santo como um traço da cultura popular mantido desde a vinda dos colonizadores portugueses ao Brasil através da comunicação oral, sobretudo, a depender da realidade de cada local, percebe-se uma infinidade de possibilidades de investigação, seja pelos aspectos da memória coletiva, seja pela identidade. Os caminhos apontam, também, para a percepção de que tais manifestações tidas como tradicionais, folclóricas ou religiosas, persistem articulando o passado e o presente.

Concentrando-me no caso de Diamantino, cidade localizada no interior do Estado de Mato Grosso, esses dois lados (passado x presente) parecem pouco demarcados. Como se a linha entre o posto e o novo, ou seja, entre o recebido pelos ascendentes e aquilo que é criado no agora, fosse bem menos tênue do que se vê com relação às grandes cidades brasileiras; as fronteiras se borram.

Parte disso ainda se justifica pela cidade possuir uma economia, primordialmente, agrária. Apesar de sua história estar ligada à mineração de ouro e diamante, atualmente, grande parte dos recursos mantenedores dos cofres públicos correspondem à produção agropecuária. Este é um dado importante, uma vez que, mesmo ligada ao processo de urbanização e globalização, também está vinculada ao rural, referenciado como espaço de tradição, de pertencimento e de “raízes culturais”.

“A bandeira do Divino” imerge nesse ritual dinâmico no tempo e no espaço, mas têm encontrado dificuldades em se ajustar à realidade atual, sobretudo, mantendo o seu caráter popular. Além de indicar um problema de gerações, o estudo aponta para uma discussão de identidade masculina e feminina e de alteridade.

Vivenciando os ritos e festejos religiosos de Diamantino por uma história pessoal e, posteriormente, como pesquisador em campo, pude perceber essa dualidade nitidamente refletida por questões aflitivas como “quem vai levar a bandeira?”, “todo esse festejo bonito irá acabar?”; preocupações que advêm de uma parcela da população local que não está ligada diretamente aos festejos populares do Divino, mas que se conectam a ele por uma memória geral e os referenciam como componente de sua identidade, valores estético-religiosos, tradição e memória.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Esta pesquisa possui uma natureza orgânica. Por diversos fatores, mas, sobretudo, pela importância humana que é responsável pelo espírito motivador da elaboração criativa empenha nos moldes científicos. Neste processo, procuramos compreender o outro, num sistema de alteridade. A melhor situação para *experienciarmos* essa locação, esse lugar para sentir o outro é através da entrevista, que possibilita a interação face a face e tem caráter inquestionável de aproximar as pessoas envolvidas, dando-nos uma oportunidade de adentrar a mente a vida dos indivíduos.

Esse é o grande ponto que diferencia a entrevista da aplicação de questionários, por exemplo: a proximidade que aquele permite não só para com o outro, mas para com a exatidão do que este outro quer expressar. A própria etimologia da palavra “entrevista” surge, então, deste aspecto de ligação pelo prefixo “entre” e “vista”, que exprime a ideia de “olhos nos olhos”. Por isso, esta é a principal característica da pesquisa.

A entrevista é dividida em: I) entrevista estruturada, II) entrevista em profundidade, III) entrevista dirigida, IV) entrevista não diretas e V) entrevista guiada. Adotaremos, basicamente, a entrevista em profundidade, a não-direta e a entrevista guiada. Este primeiro tipo de entrevista visa obter do entrevistado o que ele considera mais importante de determinado problema e é guiado por meio da conversa a detalhar suas informações, para que as respostas sejam utilizadas em uma análise qualitativa. Ou seja, objetiva-se extrair o máximo de informações do entrevistado. O segundo modo, não diretivo, é uma técnica que permite ao entrevistado devaneios e reflexões. A própria estrutura dessa entrevista é um convite a isto: não há perguntas, há, apenas, a sugestão do tema geral em estudo. O papel do entrevistador é se mostrar interessado e guiar a conversa de maneira espontânea.

Por fim, lançaremos mão da entrevista guiada, que é muito utilizada para descobrir que aspectos determinadas experiências produzem mudanças nas pessoas expostas a elas. O entrevistado, apesar de ser guiado pelo entrevistador, tem liberdade para argumentar e defender sua opinião, suas ideias. O entrevistador deve evitar fazer perguntas dirigidas, não as formula previamente; define temas, pontos a tratar. Segundo Richardson (1999, p. 219), deve ser feito um guia da entrevista para elaboração,

o pesquisador pode formular uma quantidade de perguntas em pedaços de papel ou cartões separados. Posteriormente, pode empilhar os cartões de acordo com os temas que está interessado em pesquisar. Por último, faz uma seleção, definitiva, e formula os

temas que serão tratados. É conveniente que a formulação seja simples e direta, para lograr uma melhor comunicação com o entrevistador.

Um dos métodos de entrevista citado, não diretivo, aproxima-se muito de uma prática comum aos antropólogos, a etnografia. O método proposto por Malinowski (1978) compreende uma investigação aprofundada da vida nativa de modo que o etnógrafo possa compreender a organização social da vida tribal, sintetizados através da compreensão do ponto de vista nativo. Portanto, atualizando este conceito, faremos uma boa pesquisa exploratória, dando ênfase à observação, às conversas informais com os moradores de Diamantino e com os membros que compõe o grupo da Bandeira do Divino, no intuito de estabelecer um vínculo de confiança.

A etnografia está muito próxima da observação participante, apesar daquele ser mais complexo que este. De acordo com Richardson (2007, p.261), na observação participante,

o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado. Se o pesquisador está empenhado em estudar aspirações, interesses ou rotina de trabalho de um grupo de operários, na forma de observação participante, ele terá de se inserir nesse grupo de operários como se fosse um deles.

Ou seja, esta técnica favorece estudo de grupos e comunidades, no caso, os foliões do Divino. Tentaremos, de modo ético e dentro dos padrões jornalísticos, prover um bom relacionamento com os elementos do grupo e levar essa aproximação a um próximo nível, tentando se tornar sua parte constituinte; permitindo os afetamentos que, por ventura, surgirem deste contato.

A pesquisa tem por objetivo, também, trabalhar elementos como a memória, o passado e os dilemas com relação ao presente. Acredita-se que, para compreender as transformações decorrentes da “mundialização”, é preciso tomar como parâmetro o passado. Por isso, abordaremos sob uma perspectiva da pesquisa histórica que, de acordo com Helmstadter (p. 245 apud, Richardson, 2007), possui função de produzir um registro fiel do passado e, também, contribuir para a solução de problemas atuais.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Segmentei as atividades elaboradas ao longo deste livro-reportagem pensando da seguinte forma: inicialmente, foi feito um planejamento, aliado ao levantamento bibliográfico. Depois, foram feitas entrevistas e, então, iniciou-se a parte da escrita. Só então, o projeto gráfico pode ser executado.

Na etapa inicial, de planejamento, houve a necessidade de um posicionamento e uma contextualização geográfica, documental. Assim, duas foram as obras de fundamental importância que permitiram tal fundamentação histórica e o embasamento que reforça as transformações sofridas pelo rito da bandeira do Divino ao longo de quase dois séculos no município. São elas: *Diamantino: do extrativismo à agricultura moderna*, organizada pelo professor Dr. João Carlos Barrozo do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e *Diamantino 279 anos*, escrita pelo padre José de Moura e Silva, que morou em Diamantino no início de suas atividades religiosas.

Aliado a este baluarte bibliográfico, também foi elaborado um roteiro de entrevistas, o formato a ser adotado dentro do livro-reportagem, estabelecendo-se os primeiros contatos com os potenciais interlocutores. Além disso, buscou-se pensar num roteiro para as fotografias que se seguiriam ao longo do texto e que, de certa forma, independeriam desse diálogo verbal, mas conteriam suas próprias narrativas.

A execução deste planejamento teve início com seis viagens à Diamantino entre os meses de outubro, novembro, dezembro e início de janeiro para a realização das entrevistas. São, em média, 25 horas de entrevistas feitas com 20 pessoas: o professor Genuíno, Seu Paxeco, Dona Terezinha, Benedito, Luciane, Antônia (Toinha), Maria, Basília, Maria Roberta, Augusto, Evair, Eunice, padre Reginaldo, Deoney (Rambo), Dona Ana (Anita), Seu Zildo, Seu Onildo, Seu Isaias (Bahia) e o prefeito Juviano Lincoln.

Foram feitas entrevistas em profundidade e não diretivas visando obter do entrevistado o que ele considera mais importante de terminado problema, sendo guiado por meio da conversa a detalhar suas informações, para que as respostas sejam utilizadas em uma análise qualitativa. Ou seja, objetivou-se extrair o máximo de informações do entrevistado. Também, foi permitido aos entrevistados devaneios e reflexões. Em alguns momentos, não houve perguntas, mas apenas, a sugestão do tema geral em estudo.

A etapa seguinte corresponde à transcrição das entrevistas para o papel, utilizando-as para construir um breve perfil de cada entrevistado e, ao mesmo tempo, amarrá-lo com o

enredo que vem sendo construído ao longo de todo o livro. Por fim, nem todas as entrevistas foram utilizadas, entretanto, permaneceram como um norte para conduzir a escrita de todo o livro.

Assim como o projeto inicial, a ideia era a de elaborar um livro com um formato que se propõe. A ideia da ilustração de capa foi pensada em sua complexidade: a bandeira que se etérea, que se desfaz no ar e antecipa, ao entendimento dos olhos à mente, como uma forma de pensar neste livro-reportagem montado manualmente, além de convidar o leitor com uma imagem menos óbvia e, ao mesmo tempo, verossímil.

“Só mulheres carregam a bandeira”, então, uma mulher com seu fenótipo demarcado, leva a bandeira, que se desfaz no ar e preenche de ideias e reforça toda a temática que perpassa o conteúdo, de uma tradição que encontra empecilhos para continuar e que, hoje, se vê etérea. A identidade visual, portanto, reforça o texto verbal culminando no todo que é o livro-reportagem. Também, buscou-se selecionar os espaços para as 25 fotografias que se seguem ao longo do livro e que, espera-se, assumam papéis independentes e falem por si próprias.

CONSIDERAÇÕES

Passando-se quase um ano desde que o projeto deste livro-reportagem começou a ganhar contornos no início de 2014, muitas foram as dificuldades transpostas ao longo do percurso. Uma delas, que vale ser ressaltada, foi a morte do Seu Leoni Rodrigues, líder da bandeira do Divino e presidente da Velha Guarda, banda musical que acompanhava o giro com os instrumentos, enquanto entoavam as cantorias. Apesar de bastante debilitado, as conversas por telefone com Seu Leoni davam a certeza de que tudo transcorreria bem e que, logo, conseguiríamos gravar a conversa para o livro-reportagem, o que não ocorreu. Outra dificuldade, sem dúvidas, foi a distância de aproximados 200 quilômetros que separam Cuiabá de Diamantino. De ônibus, as viagens chegam a durar seis horas.

Entretanto, apesar dos problemas enfrentados, diversas foram as situações que se somaram para que tudo ocorresse bem. As entrevistas marcadas, as caronas, os horários dos ônibus; a hospedagem na cidade. Tudo coadunou para que o levantamento das informações e a constituição do trabalho ocorresse como o previsto e, de certa forma, também influenciou diretamente na percepção do campo, sob diversos olhares.

Alguns relatos foram muito interessantes para se pensar o que vem ocorrendo com o rito e com o grupo que inaugurou o “quem vai levar a bandeira?” que mudou, de certo modo, a perspectiva inicial da reportagem de que há apenas o fator da contemporaneidade,

das inovações tecnológicas, que influenciam para o afastamento dos jovens e o enfraquecimento do folião. Há muitos fatores internos, também.

Dentre os relatos juntos à comitiva do Divino, notou-se certa pressão para que a Igreja ou a Prefeitura pudessem assumir as vozes de protagonistas deste movimento cultural e que, desta forma, pudessem atrair uma maior quantidade de pessoas com maiores investimentos. “O povo gosta de espetáculo”, considera o professor e historiador, Joel Praxedes quando menciona manifestações como a dos Mascarados, que ocorre em Poconé ou do Festival de Siriri e Cururu realizado em Cuiabá.

Em todos eles, o professor acredita que há participação direta dos líderes, tanto da Igreja, quanto do poder público, em ritos que coroam dirigentes públicos como imperadores dos eventos. Este tipo de investimentos atrai um modo de produção cultural massivo e o olhar de empresas privadas, que, muitas vezes, patrocinam o festejo.

Nestes termos, os participantes da comitiva manifestaram interesse em dar continuidade à tradição centenária, mas qualquer protagonismo continua velado, ao menos, até meados de março. Em 2015, o domingo de Pentecostes cai no dia 31 de maio; então, o grupo deve se articular dentro deste período definido para poder se estruturar. São inúmeros os apontamentos dispostos nesse contexto de suspensão, que nos leva a pensar sobre o futuro do traço cultural manifesto pela bandeira do Divino.

Em seu livro, *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, Nestor Canclini escreve: “do lado popular, é necessário preocupar-se menos com o que se extingue do que com o que se transforma”. Pontual para se enxergar este dilema da bandeira do Divino como uma cultura em movimento. O porvir talvez seja ainda mais interessante que a abrupta suspensão do rito e se conecta intimamente com esta reportagem: é um livro em construção. Neste cenário de cidade partida, as andanças da bandeira representaram mais que uma forma encontrada pela população para atribuir sentido ao mundo. Assegurou também, um elo de integração de inúmeras chegadas e partidas, ligando-se às questões de memórias, de identidades e de pertencimentos.

O folião em Diamantino está suspenso agora, mas se fechou há muito tempo, quando o novo membro ingressou no grupo há pelo menos 24 anos. A necessidade de renovação, consideram os componentes da bandeira, é urgente, mas esta é uma apropriação que deve ser endógena, do próprio folião. De quê forma o grupo irá se adaptar é ainda uma lacuna; não levar a bandeira é uma possibilidade concreta que pode substituir este espaço, mas não é a forma mais desdobrável de se preenchê-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979;
- BARROZO, João Carlos. **Diamantino**: do extrativismo à agricultura moderna. Cuiabá; NERU, 2002.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**, a comunicação dos marginalizados. São Paulo; Cortez, 1980.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo; Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Vocação de criar**: anotações sobre a cultura e as culturas populares. Caderno de Pesquisa. São Paulo, v. 39, n. 138, set/dez, 2009.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. **Cultura e saber do povo**: uma perspectiva antropológica. Revista Tempo Brasileiro n °147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- FRY, Peter. Feijoada e Soul Food 25 anos depois: o que a Cinderela negra tem a dizer sobre a política racial no Brasil. In: **A persistência da raça**: ensaios antropológicos sobre Brasil e a África austral. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 16 ed.; Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001.
- OLIVEN, Ruben. Cultura e Identidade Nacional e Regional. In: MARTINSE, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias (coord.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil**: Antropologia. São Paulo: ANPOCS, 2010.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- SILVA, José de Moura e. **Diamantino**: 279 anos. Cuiabá: Entrelinhas, 2007.
- WHRIGHT, Charles. **Comunicação de massa**: uma perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.